



Inteligência Artificial na Escrita Científica: Promessas, Limites e Responsabilidade

Artificial Intelligence in Science Writing: Promises, Limits and Responsibility

João Subtil

A Gazeta Médica é um órgão da Academia CUF, com mérito científico reconhecido e atestado por organismos independentes como a Web of Science ou a Scielo. Ainda que vetusta, tem sabido reinventar-se e adequar-se aos novos tempos, a par de tudo o que orienta a actividade médica da CUF. E nesta altura, a escrita científica está a ser tomada de várias revoluções, e a mais importante, a meu ver, foi a introdução da inteligência artificial generativa na produção de conteúdos científicos.

O advento da inteligência artificial (IA) generativa, com ferramentas como o ChatGPT, trouxe efectivamente novas possibilidades para a redacção de textos científicos, e transformou já significativamente a dinâmica da produção académica, oferecendo maior eficiência, correcção e adequação linguística, e ajuda na estruturação de conceitos e ideias. Estes aspectos têm seduzindo os investigadores, especialmente os mais jovens e menos diferenciados. O leitor mais treinado reconhece a sua presença ubiqüitária em maior ou menor expressão. Esta utilização levanta questões fundamen-

tais sobre a autoria, originalidade, ética e fiabilidade dos conteúdos do texto produzido.

A principal e mais óbvia vantagem da IA na escrita científica é a sua capacidade de acelerar todo o processo. Em resposta a um pedido simples de conteúdo, a IA produz um texto congruente, formalmente adequado, e com boa ortografia e gramática. É inclusivamente possível modelar o tipo de linguagem utilizada, podendo ser pedido para ter um tom mais formal, mais científico, ou mais comum, ou até mais “adolescente”. E a pedido, o texto inclui mesmo fontes bibliográficas em conformidade com o sistema preferido.

E para alguns investigadores com pior domínio da língua inglesa, pode ser visto como um instrumento “nivelador” de competências, já que ajuda a produzir um texto que um editor (e os seus leitores) vão encontrar como adequado na forma. Pode assim contribuir para uma maior equidade no acesso à publicação científica.

No entanto, temos de reconhecer as limitações destes sistemas. Apesar da sua fluência, a IA é desprovida

Hospital CUF Descobertas - Lisboa, Portugal

Recebido/Received: 2025-05-25. Aceite/Accepted: 2025-05-29. Publicado online/Published online: 2025-06-30. Publicado/Published: 2025-06-30.

© Author(s) (or their employer(s)) and Gazeta Médica 2025. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Gazeta Médica 2025. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial

de compreensão semântica ou conhecimento factual intrínseco. Ou seja, produz um texto formalmente congruente, mas sem que haja um juízo sobre o seu conteúdo, sendo possível (frequente, mesmo) encontrar conceitos ilógicos, como incongruências anatómicas, por exemplo. Num texto que reví recentemente, lia que o bulbo olfactivo tem a forma de um ovo, e o nervo olfactivo entra na sua face posterior. Um outro exemplo muito comum é encontrar uma referência bibliográfica em quimera, em que o título referenciado existe, tal como os seus autores ou a revista, mas provém cada um de artigos distintos. Num exemplo ainda mais caricato, há um ano, em resposta à pergunta “que animal põe o ovo maior, a vaca ou a galinha”, o ChatGPT respondia que “a vaca raramente põe ovos, mas quando o faz são maiores”. Estes erros factuais ou incongruências têm sido chamados “alucinações”, e um leitor menos diferenciado (tal como o autor) não reconhece o erro, sendo iludido pela aparente autoridade conferida pelo aspecto formal do texto.

E aqui coloca-se um outro tema crítico: a autoria e responsabilidade do conteúdo. Por um lado, se a produção do conteúdo pela IA for significativa (por exemplo, a IA gera o protocolo, revê e analisa os resultados, produz o texto para a publicação), cumpre critérios tradicionais de autoria. No entanto, como o faz de forma “acrítica”, como vimos, é muito questionável se tem mérito por esta produção. E por outro lado, a assumpção de uma autoria representa também a responsabilização ética e legal do autor pela produção, e estes aspectos não são no contexto actual atribuíveis a uma IA. Por isto mesmo, diversas revistas científicas não admitem declaradamente essa autoria, como por exemplo a Nature, oferecendo como principal argumento a sua inimizabilidade.

Actualmente é mais consensual considerar a IA como uma ferramenta, ainda pouco diferente de um motor de estudo estatístico, ou um corrector ortográfico, devendo, por tal, e como tal, ser descrita a sua utilização aquando da descrição dos métodos.

E mesmo num tempo futuro (provavelmente próximo) em que a IA venha a melhorar de tal forma as suas capacidades e a qualidade da sua produção, e seja capaz de simular um juízo crítico ou ético (porque assim é instruída pelos seus programadores), e que as alucinações desapareçam por melhoria das suas fontes, será sempre em última análise um programa sem intencionalidade, não compreendendo o conteúdo que gera, e como tal não podendo ser responsabilizado.

Por outro lado, ainda, a IA é constituída num esquema impenetrável, que vulgarmente é conhecido como

“caixa negra”. A IA é, numa perspectiva muito, muito, elementar, um programa informático que analisa conteúdos, reconhece padrões e reproduz reconstruções desses padrões. A forma como encontra esses padrões e os analisa, como valoriza determinados aspectos e despreza outros, é inescrutável - não é acessível nem aos próprios programadores, e este é outro aspecto pelo qual não é possível atribuir-lhe autoria.

E finalmente, sabendo que a IA radica o seu “conhecimento” nas fontes que lhe são disponibilizadas, temos aqui outro nível de incerteza - quando a fonte é a “internet”, vai incluir muito material ao qual facilmente não reconhecemos mérito para ser fonte de conhecimento. E num caso de uma IA não recorrer uma fonte geral, terá sido o programador ou o “alimentador” do programa que seleccionou essa fonte - e aqui colocam-se vários níveis de incerteza na autoria, em que não conseguimos citar toda a fonte, e não sabemos que parte dessa fonte foi usada, e nem conseguimos reconhecer o mérito aos autores de cada parte dessa fonte. E não vou continuar a elaborar na ideia da propriedade do sistema, ou de limitações impostas por interesses privados, ou por Estados, e tudo o mais que introduz dúvidas deontológicas importantes.

E agora, como é confuso e impenetrável, vamos proibir?

Não (digo eu...).

Ignorar completamente o uso da IA não é útil. Seria dispensar as vantagens apontadas acima. É correntemente aceite que o uso transparente dessas ferramentas, quando relevante, seja declarado, preferencialmente na secção de metodologia ou nos agradecimentos.

E devemos reconhecer que cada vez mais estas ferramentas se tornam mais proficientes. É aceitável até, creio eu, tolerar que a produção não seja perfeita (tal como sempre fizemos antes de termos IA) e seja corrigível. Antes de mais, o autor deve sempre ter um juízo crítico sobre o que recolhe da IA, e utilizar adequadamente essa informação fornecida - conferir as fontes, conferir a adequação do conteúdo, a sua congruência. E depois temos a acção dos pares, dos revisores e editores, e dos leitores, que dispõem de várias ferramentas para avaliar o conteúdo para verificar se na sua produção foi utilizada a IA, tal como temos para a avaliação de plágio. De resto, o método científico é intrinsecamente humano - a pertinência de uma dúvida, a implementação de um método aceitável para a esclarecer, e obviamente, o raciocínio dedutivo no trabalho, será sempre humano. A análise e interpretação dos resultados, que constitui a polpa do trabalho,

só pode ser feita por um humano, e isso é facilmente reconhecível num texto.

Considero ser espectável que a IA se torne omnipresente na produção científica. Ferramentas mais avançadas e especializadas estão a surgir, com melhor capacidade de lidar com contextos mais e mais complexos. Vemos surgir mecanismos internos de autocorreção. Temos de (estamos a) simultaneamente acompanhar este presente com o desenvolvimento de literacia digital e ética entre os investigadores, de forma a garantir que essas tecnologias sejam utilizadas como aliadas do pensamento crítico, e não como substitutas do mesmo. A utilização da inteligência artificial na escrita científica é uma inevitabilidade, e também é, a meu ver, uma oportunidade significativa, mas que exige maturidade e responsabilidade por parte da comunidade académica. A IA pode, e deve, ser uma ferramenta de apoio — nunca de substituição — da criatividade, da análise e do rigor do método científico e da comunicação em ciência. É só mais um desafio para a ciência entre tantos outros que temos sempre ultrapassado.

RESPONSABILIDADES ÉTICAS

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

APOIO FINANCEIRO: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

PROVENIÊNCIA E REVISÃO POR PARES: Solicitado; sem revisão externa por pares.

ETHICAL DISCLOSURES

CONFLICTS OF INTEREST: The authors have no conflicts of interest to declare.

FINANCIAL SUPPORT: This work has not received any contribution grant or scholarship.

PROVENANCE AND PEER REVIEW: Commissioned; without external peer-review.